

saber o que se passava no mundo, o sono apanhara-os na sala de Fidjinho até aquela hora! Que maçada!

— Agora substituem-nos — disse Djulai que finalmente tinha acordado — Precisamos ir repousar um bocado.

— Sim concerteza — apressou-se Mano Rui. Podem ir descansados!

Lela, Djulai, sr: Andrade e Ti Craus saíram, Tio Sidónio ficou aguardando mais uma muda de velas e nhô Djonga p'ro que desse e viesse a nível das aparições de Djonai. Mas as mulheres tinham tomado conta outra vez do defunto estavam à espera de Ti Compa que era especialista em chorar morto. E de facto Ti Compa tinha fama: — Choradeira lá fora! — dizia-se, porque, quando Ti Compa abria a boca para chorar, ninguém resistia, todo o mundo, até homens! a acompanhavam. Mesmo os mais crus acabavam por enxugar os olhos.

Ti Guida fez sinal a Maria Júlia chamando-a: — Vem tomar uma canjinha para pegar fraqueza. Desde ontem que não comeste nada.

Maria Júlia abanou a cabeça, mas Ti Guida insistia, ralhou mesmo:

— Assim nem forças tens para chorar teu pai!

Maria Júlia cedeu diante deste argumento e aceitou engolir duas colheres da canja da noite justamente no momento em que Ti Compa entrava silenciosa, embrulhada num xaile preto com trancinhas nas barras, o lenço azul escuro cobrindo-lhe o cabelo já branco com uns fios ainda pretos, a boca desdentada. Não se aproximou do falecido porque dizia que quando via a cara de um morto ficava a sonhar com ele por muitos dias e assim ficou um momento parada à porta, como que desnordeada, até ver Chenchá sentada silenciosa junto da janela que dava para o quintal. Chenchá criou espaço e cadeira para Ti Compa, trocaram palavras, remeteram-se ao silêncio circunspeto da sala onde Tio Sidónio ainda aguardava para substituir as velas consumidas. Nhô Djonga viu Maria Júlia surgir do quarto, Ti Compa levantar-se e cair nos braços dela. Abraçaram-se longo tempo, a velha apertando a jovem nos braços, soluçando no seu ombro, a boca aberta em respiração entrecortada, as gengivas à mostra, Maria

Júlia de olhos fechados, cansada de pêsames e choro e da noite mal dormida. Nhô Djonga deve ter considerado que já não era mais preciso, ela estava bem entregue, saiu porta fora sem despedir, em passo de passeio como quem sai para voltar. Afastando-se, ainda ouviu Ti Compa abrir guisa: — Ah nha fidjinha, teu pai já te largou!... — Leviandade!, — disse alto para ele mesmo.

Evidente que Ti Compa não carpia a troco de alguma coisa, Deus livre!, Só que ela chorava sabe e por isso morto onde ela estivesse era morto bem chorado porque Ti Compa, não só chorava como fazia os outros chorar. As suas comparações e recados eram conhecidos, porque ela lembrava-se dos mortos mais antigos para lhes mandar saudades e outros recados pelo morto presente. Do fundo respondeu Chenchá em guisa igualmente alta: — É de vera, é de vera. Djonai já foi seu caminho!...

E Ti Compa e Chenchá entraram em despique, cada uma do seu canto, uma guisa funda enchendo a sala, transbordando para rua:

— Ó Julinha, ó Julinha já não tens teu pai!...

— Ó filha fêmea, ó filha fêmea, Djonai já nos largou!

— Já não temos Djonai para nos arranjar açúcar!

— Já não temos Djonai para nos dar fiado!

— A tua filhinha já não tem quem chamar-lhe falsinha-ingratinha!

— Já não vemos Djonai a atravessar meio-do-Porto para ir pagar contribuição!

— Djonai já está na morada de sodade!

— Não te esqueças de dar Banda mantenha!...

E em guisa sentida desencovaram a vida de Djonai desde a sua meninice. Djonai gritando contra o mafor da Ultra; Djonai dando socos no balcão contra o fiado; Djonai dando toma aos caloteiros; Djonai no caminho de Baxom montado no Matchinho a ir ver as suas hortinhas; Djonai passando um p'la manhã inteiro de padre Varela para Câmara porque parava em todas as

portas; Djonai amigo de toda a gente; Djonai mau de boca p'ra fora, mas bom de coração...

— Já não tens o teu papá para te correr mão na cabeça!

— Já ficaste largada neste mundo de desespero e safadezas, tu mais a tua filhinha sem quem ver p'ra vocês!

— Tomadores de grogue de meio-do-Porto já não têm onde vir bater de madrugada!

A guisa assim cantada alastrou-se para o geral da sala que já se enchera de mulheres e era agora um choro pegado em soluços de fundo, Ti Compa e Chenchá em solo de desafio. Porque todo esse tempo Ti Compa estivera pendurada do pescoço de Maria Júlia e chorava por cima da cabeça dela, ela com a cabeça encostada no xaile de uma hora assim, Ti Compa garganteando sobre os seus cabelos despenteados. Mas após substituir as velas mais uma vez, Tio Sidónio aproximou-se delas e mansamente puxou Julinha daqueles braços que a sufocavam e levou-a soluçando para o quarto enquanto Ti Compa parava um momento e olhava desorientada em redor. Mas Tio Sidónio voltou, conduziu-a à sua cadeira ao lado da Chenchá. Trocaram algumas palavras, Chenchá igualmente tinha fama de boa choradeira e iniciaram agora uma guisa mansinha, toda de garganta e nariz, a boca fechada. Era uma música triste que vinha do fundo da alma, aqueles sons sem palavras comovendo as pessoas, minando-as por dentro, provocando soluços impensados. Ti Compa cobrira já a cabeça com o xaile e apertava-o no queixo com as mãos como se fosse uma touca e estava dobrada para frente, a cara quase a tocar os joelhos, salmodiando com a garganta e o nariz, Chenchá acompanhando em tom menor. Mas Chenchá não aguentou mais, abriu a boca:

— Ó que sodade, ó que sodade deste bom pai!

— Nô tchorâ, nô tchorâ, nô tchorâ Djonai!

Num momento a sala transformou-se numa aleluia de soluços e olhos vermelhos de lágrimas, Ti Compa em solo isolado, as restantes mulheres acompanhando em fundo suave. Ti Compa chorava só com a garganta, os olhos secos, como se a sua função fosse fazer

chorar. Desde muito nova que chorava sabe, toda a gente sabia disso e assim Ti Compa era sempre chamada para os mortos. Evidente que se fosse um morto de gente chegada Ti Compa ia imediatamente. Mas se não fosse familiar perto, se não era gente de amizade, Ti Compa só ia se chamada expressamente porque era uma mulher muito tímida, tão tímida que se casara, tivera muitos filhos com ti Djô Coleta mas nunca por nunca ser se encheria de coragem para comer diante de ti Djô, quanto mais agora outras pessoas. Comia sempre na cozinha, longe até dos olhares dos seus filhos. Falava com todos, era amável embora tímida e nunca levantava a voz senão quando chorava, excepto quando ti Djô Coleta morrera. Aliás isto era uma coisa que intrigava muita gente, porque Ti Compa tão choradeira para estranhos não abria a boca na morte de ti Djô. Quando ti Djô dera aquela queda de andaime e fora do chão para cama e da cama para a Pedra Alta, tudo num espaço de dois dias, Ti Compa ficou tã, de boca aberta, nem um grito lhe saindo da garganta, sem um pingo d'água nos olhos. Porque tinha sido de facto uma coisa esquisita: ti Djô caíra do andaime, ficou no chão, sim senhor, mas nada lhe doía, não parecia ter nada partido, apenas um esmorecimento nas pernas. Ele estava a pôr mais uma mão de palha nova na coberta da casa para poder guentar as-águas sossegado e de repente aquilo. Mas ele não tinha dores, só aquele esmorecimento. Ti Compa fez-lhe fricção d'azeite de pulga ele ficou na cama. Ah kalé! De tarde não senti as pernas, de noite não só já não falava como até chegou a largar na cama, no outro dia morreu. Ti Compa não só não deitou um pingo d'água pelos olhos, como durante tempos ninguém lhe ouviu um pio. Ficou três dias sentada na cama sem comer nem beber nem dormir, nem sequer deitar, os olhos sempre abertos e secos, fixos num buraco da parede onde havia uma casa d'aranha. Mas na terceira noite ela disse Djô chega-te para lá e deitou-se e adormeceu e ficou a dormir até outro dia de tarde. Foi a partir daquela altura que Ti Compa apanhou o hábito de se sentar sempre nos cantos da casa, tendo mesmo um dia sido encontrada esgravatando um umbral de lado de dentro. Com a ponta de uma tesoura velha e já ferrugenta tinha feito um buraco

suficiente para meter um dedo e de facto tinha lá dentro o dedinho min-dinho e sorria com um ar ao mesmo tempo estúpido e beatífico. Assim, a incompreensão inicial por ela não ter chorado o marido — runha como prado, dizia-se dela. Basta que nem botou um pinguinho d'água dos seus olhos. Quel lá é pior que pedra de rotcha! — foi sucedida pela opinião de que ela estava chalupa: Jata de cabeça! Mas melhorou quando a levaram para S. Vicente e foi consultada no centro de nhô Henrique Baptista e voltou quase boa embora sempre tímida e com vergonha de comer diante de gente. Com o tempo ela voltou a retomar a arte de chorar defuntos alheios, mas sempre de olhos secos, sem a sombra de uma gota d'água e só defuntos de gente conhecida ou então daquelas pessoas a quem a gente não pode dizer não. Foi o que aconteceu quando senhor Sena morreu. Senhor Sena tinha morrido, mas era casa de gente branco, não habituada a chorar alto, era só ficar na cadeira de baloiço a soluçar, nem parecia casa de morto fresco. Felizmente que D. Maninha, apenas sogra, portanto, com mais lucidez naquela agora, se lembrou da Compa. Mandou chamar a Compa d'urgência, estava disposta a pagar-lhe seu dia de trabalho, mas bem pago, se ela aceitasse, enfim! ir fazer-lhe companhia na hora triste, etc. Ti Compa viu o que queriam, aceitou, mas fora receber! não! Ela não cobrava para chorar. Mas ficou e em guisa alta chorou senhor Sena que só conhecia por ouvir dizer e de raspão.

Mas no caso de Djonai ela fora chamada por precipitação porque como disse estava dentro das suas intenções vir chorar Djonai:

— Ó Djonai não era preciso mandar chamar, eu tinha que vir chorar nossa amizade! Amizade de muitos anos, acabado assim de um momento p'ra outro! Já não lembramos quantas vezes fomos juntos p'a Baxom para ver as nossas hortinhas a morrer à míngua!... E assim sucessivamente, Ti Compa lembrou o casamento de Djonai com Mana Tilia, como ele estava roscado, até flor na botoeira, como fora uma festa à-vontade, tudo à larga, os cinco contos de réis que Djonai dissera depois que gastou, a lojinha de açúcar, grogue, petróleo, a

guerra que Djonai tivera com Filipe uma vez que, contra o seu natural calmo embora palavroso, quebrara uma garrafa para lanhar Filipe cara. Lembrou depois a morte de Mana Tilia depois de tanto sofrimento no segundo parto, Djonai desesperado em cima da malona, grogue vai, grogue vem, é mentira! é mentira! o quê que vou fazer agora sem ela... E foi todo o consumir de uma vela enquanto Ti Compa chorou Djonai.

O enterro foi às cinco da tarde, sr: Administrador chegou com a bandeira que ficou na retaguarda do caixão. Atravessaram meio de Porto, fizeram uma rápida passagem de entrar e sair pela igreja que nhô Djonga abria de propósito, rumaram pela Pedra Alta, um imenso cortejo de toda a vila atrás de Djonai, os homens revezando-se nas arças do caixão, as mulheres com latas d'água na cabeça.

Cacrinha assomou na Pedrona, lançou o seu adeus em guisa gritada para Djonai. Cacrinha nunca ia ao cemitério, despedia-se dos mortos sempre na Pedrona. Sr: Andrade fez questão de carregar o caixão um bocado, mas foi pouco porque ele estava estornotado e cansou-se depressa. Lela sabia que era fraquinho, não tinha forças para caixão pesado, lá ia ele de chapéu na mão, fazendo sinal na hora de render mão. Djonai foi metido na cova, cada um agarrou um bocado de terra que atirou sobre o caixão: deus te dê um descanso! Petchas e Teófilo começaram enchendo a terra, quando estavam a meio gritaram: Água e a água das latas caiu sobre a cova, eles calcaram, voltaram a encher e depois mais água e quando a campa ficou raza fizeram um parapeito de terra à volta que encheram de mais água. Tio Sidónio já providenciara a cruz que ele levava na mão e espetou no topo da cova: «João Baptista Semedo — 1900-1956 — paz à sua alma».

Naquela noite e durante uma semana não houve altifalante na janela de nha Fidjinho. Um vizinho fora dado terra, toda a rua estava de luto.